

ESCRAVIDÃO, CAFEICULTURA,
E COSTUMES SOB OLHAR DO ESTRANGEIRO
NO TERRITÓRIO FLUMINENSE
1820-1890

Leila Vilela Alegrio

ESCRAVIDÃO, CAFEICULTURA,
E COSTUMES SOB OLHAR DO ESTRANGEIRO
NO TERRITÓRIO FLUMINENSE
1820-1890

LETRAPITAL

Copyright © Leila Vilela Alegrio, 2026

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Da autora

CAPA Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A346e

Alegrio, Leila Vilela, 1952-

Escravidão, cafeicultura, e costumes sob olhar do estrangeiro no território fluminense :
1820-1890 / Leila Vilela Alegrio. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.
310 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5252-369-3

1. Café - Brasil - História. 2. Escravidão - Brasil - História. 3. Negros - Brasil - Condições sociais.
I. Título.

CDD: 981.04

26-106304.0

CDU: 94(81).04/.07

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

10/07/2026 10/07/2026.

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Prefácio	7
Introdução	11
Os primeiros olhares. 1808-1839	13
John Luccok	13
Georg Wilhelm Freireyss	15
Baptist Ritter von Spix e Carl Friedrich von Martius.....	29
August de Saint-Hilaire.....	37
Henry Koster.....	40
Maria Graham.....	51
Ernest Abel.....	57
George Gardner	70
Príncipe Adalberto da Prússia	74
A expansão da cafeicultura. 1840-1849	81
Francis Castelnau	81
Conde de Suzannet.....	82
Thomaz Ewbank	88
Proibição do tráfico transatlântico de africanos	
escravizados. 1850-1859	94
Charles Blachford Mainsfield.....	94
Herbert Burmeister	98
Charles Ribeyrolles	109
Augusto Emilio Zaluar	115
O apogeu da cafeicultura e a industrialização. 1860-1869	121
Johann Jakob von Tschudi.....	121
Auguste François Biard	136
Mme Ida Pfeiffe.....	158
Charles Expilly	160
Jean Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz	164
Antonio Corrêa Pinto Junior	164

Theodoro Peckolt.....	178
Oscar Canstatt.....	183
Charles Pradez	185
Madame Louis Hermite nés Ternaux Compans.....	192
Herbert H. Smith.....	199
Conde Charles d’Ursel	212
Há salvação com a emigração? 1880-1887.....	224
Thomas Lino d’Assumpção	224
Adèle Toussaint-Samson	226
Antonio Lopes Mendes	224
Louis Couty	247
Karel Frederik van Delden Laërne	259
Ernest Michel	277
James W. Wells	283
A abolição da escravatura e a queda do império. 1888-1890.....	286
Max Leclerc	286
Considerações finais.....	302
Fontes	306

PREFÁCIO

 história, como se sabe, se alimenta de fontes históricas, ou seja, de fontes primárias, que são documentos, fotografias, jornais antigos, cartas, diários e até mesmo biografias. Assim sendo, a história não vive de achismos. Cabe ao historiador e ao pesquisador saber trabalhar com essas fontes históricas. Dependendo da sua pesquisa, cada um olha para o documento de formas distintas.

No rol das fontes históricas existem outros exemplos de que o historiador e o pesquisador podem obter informações preciosas. São os relatos dos viajantes que estiveram no Brasil ao longo do século XIX e que os transformaram em livros após o retorno ao Velho Mundo. Outros registros foram imagens (desenhos, litografias, pinturas, fotografias) registradas pelos viajantes artistas, botânicos, paisagistas e cientistas. Suas impressões da natureza e da sociedade do Brasil pitoresco oitocentista também se transformaram em livros ou aquarelas nos revelando o quão importantes são esses registros para muitas pesquisas da atualidade.

A Família Real Portuguesa chegou ao Brasil em março de 1808. Antes de vir para o Rio de Janeiro, a nau Príncipe Real que trouxe a bordo o Príncipe Regente D. João, a Rainha D. Maria I e os príncipes D. Pedro e D. Miguel, ancorou em Salvador no dia 22 de janeiro daquele ano. E foi na primeira capital do Brasil que D. João *“anunciou a mais importante de todas as medidas que tomaria nos seus treze anos de Brasil: a abertura dos portos. Era mais uma demonstração de o quanto a Bahia era importante no tabuleiro político que a Monarquia estava montando na sua fase americana”* (GOMES, Laurentino. 1808. São Paulo: Globo Livros, 2014, p. 100).

Ainda de acordo com o pesquisador Laurentino Gomes, a grande maioria dos viajantes veio ao Brasil algumas décadas após a assinatura do decreto de abertura dos portos. Vale lembrar que até então não era facultada a entrada de estrangeiros na Améri-

ca portuguesa. O pesquisador Rubens Borba de Moraes chegou a catalogar, em 1949, cerca de 266 viajantes, classificados em cinco categorias: 1^a) a dos comerciantes, mineradores e outros homens de negócio; 2^a) a dos nobres, diplomatas, militares e funcionários de governo em missão oficial; 3^a) a dos cientistas que fizeram parte de inúmeras expedições que percorreram o Brasil naquele tempo; 4^a) a dos pintores e paisagistas; e 5^a) a dos aventureiros, curiosos e toda sorte de pessoas que vieram para cá quase que por acaso.

É nesse universo de relatos dos viajantes de várias procedências que se debruçou a talentosa pesquisadora iguaçuana Leila Vilela Alegrio, uma apaixonada pela história regional – sobretudo com relação à Região do Vale do Paraíba Fluminense –, lendo e analisando atentamente os inúmeros testemunhos registrados por homens e mulheres que vieram conhecer de perto o Brasil como sede de um império português fora da Europa, a única em toda a América. Nessa pesquisa meticulosa, Leila se deparou com as inúmeras impressões que descreveram os vários viajantes por ela consultados. São relatos que nos fornecem informações importantes sobre o cotidiano e aos aspectos da Corte do Rio de Janeiro e da Província; os sepultamentos, as vestimentas da população, o mobiliário e o interior das residências; os caminhos e as estradas; as festas, danças e costumes; a presença da Família Real Portuguesa e o consequente aumento populacional; a alimentação da população; os problemas do dia a dia na cidade; a moda francesa presente na famosa Rua do Ouvidor; o deslumbramento pelas paisagens naturais da cidade e do interior, sobretudo as florestas; o comércio nas ruas e no mercado, com os negros de ganho, as vendedoras e quitadeiras negras; o burburinho e o movimento do mercado; as fazendas de café visitadas, com destaque para as propriedades dos irmãos Breves e do poderoso Barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, *“o mais rico fazendeiro, não só no distrito de Cantagalo, como de todo o Brasil”*, afirmara Johann Jakob von Tschudi, em 1860, quando por aqui perambulou. Após ter visitado as fazendas do Barão de Nova Friburgo, Maurice Ternaux-Compans, diplomata francês servindo na legação do Rio de Janeiro em 1876, se referiu ao ilustre anfitrião como sendo *“o verdadeiro imperador do Brasil”*, que mais tarde seria relatado pela sua filha, a

Embaixatriz Louise Hermite, na sua monumental obra *Guanabara la Superbe*. Outras abordagens dos viajantes foram os primórdios do café no rio de Janeiro; o dia a dia nas fazendas; o plantio e o beneficiamento do café, seu transporte e sua chegada à Corte do Rio de Janeiro para abastecimento local e exportação; a triste derrubada das florestas para plantio do café na província. Por fim, a questão da escravidão e suas mazelas: tudo foi relatado desde o infame tráfico transatlântico de africanos ao trabalho servil nas fazendas de café e na Corte, passando pelas mortes e as estratégias de sobrevivência e de resistência ao cativo, além de suas danças, música e cultura. Entre os viajantes pesquisados, nomes já consagrados pela historiografia brasileira, como por exemplo, John Luccok, Johann Baptist Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius, Maria Graham, Thomas Ewbank, Charles Ribeyrolles e Auguste de Saint-Hilaire; alguns não tão badalados, mas conhecidos: Gerorg Gardner, Príncipe Adalberto da Prússia, Herbert Burnmeister, Augusto Emílio Zaluar, Johann Jakob von Tschudi e Adèle Toussaint-Samson; entre os desconhecidos, alguns nomes, como por exemplo, Henry Koster, Ernest Abel, Ernest Michel Francis Castelnau, Charles Blachford Mainsfeld, Auguste François Biard, P. Correa Junior, Theodoro Peckolt, Herbert H. Smith, Antonio Lopes Mendes e Karel Frederik van Delden Laërne. Confesso que dentre todos os viajantes conhecidos ou não os da minha preferência são Saint-Hilaire, Thomas Ender, Rugendas, Debret, Hercules Florence, Maria Graham, Adèle Toussaint-Samson, John Luccok, Charles Ribeyrolles e John Mawe.

Este é o panorama apresentado por Leila Alegrio no seu livro *Escravidão, cafeicultura e costumes sob olhar crítico dos estrangeiros no território Fluminense. (1820-1890)*. Finalizando minha humilde contribuição, posso afirmar que, se não fossem os viajantes...!

Paulo Clarindo

Amigos do Patrimônio Cultural

Maio de 2026

INTRODUÇÃO

ão há dúvidas de que uma boa parte dos nossos historiadores tem um grande interesse nos fatos que ocorreram, durante todo o período imperial, principalmente pela cafeicultura que trouxe ao Brasil, importância fundamental para a maior produção agrícola do nosso país e que, de certa forma, permanece até hoje.

O Brasil passou, desde então, a ser visto não só como um grande produtor de café, mas que, por consequência, levou o país a ter o maior número de escravizados, manchando assim, tudo aquilo que poderia ter sido considerado como um século de glórias.

O comércio, a indústria se desenvolveram ao longo desse tempo. Homens rudes ficaram ricos, construíram verdadeiros castelos, dos quais muitos, ainda, resistem até nossos dias. Adquiriram títulos honoríficos, e seus filhos e netos tornaram-se polidos e educados, muitos deles, na Europa, e tantos outros formaram-se como advogados ou médicos, ou vieram a ser importantes políticos.

Tudo isso começou com terras concedidas em sesmarias pelo governo, ainda, no final do século XVIII, indo até o início do século XIX, e com a exploração do braço escravo.

O café encontrou solos férteis, principalmente, nas então províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas gerais.

Como insistente interessada pelas histórias das famílias, que ocuparam, sobretudo, o vale do Paraíba Fluminense, volto, nesse momento, a abordar não mais um grupo familiar, mas me dedico a desvendar como os tantos viajantes estrangeiros que por nossas terras passaram, viam as nossas fazendas no seu dia a dia, as plantações de café, nossos costumes, e a escravidão. É fato que todos eles, sem exceção, falam da hospitalidade com que eram recebidos, descreveram, em detalhes, os trabalhos e as condições, nas quais viviam os cativos, na maioria das vezes, sem uma única frase crítica à vida daqueles pobres homens que, além de não terem a liberdade, também, não tinham boas moradias, boa alimentação, e mal tratados por seus pequenos delitos ou ao sabor do mal humor de seus donos.

De qualquer forma, é interessante acompanhar, ao longo do século, o desenvolvimento, principalmente, das máquinas de beneficiamento do café, e, de certa forma, dentro daquilo que consideravam como um bom tratamento dos seus cativos, seja pela alimentação, moradia ou tratamentos médicos.

Podemos afirmar, ao ler o relato desses viajantes, que ele, por escrúpulo ou por considerar, talvez, que seria deselegante registrar, em seus livros, o que de pior havia nas fazendas, que eram as condições de vida dos escravos; eles omitiam o que pensavam a esse respeito. Porém os poucos que ousaram fazê-lo foram contundentes, claramente, ao expor a miséria na qual viviam aqueles trabalhadores que ali, estavam somente para enriquecer seus patrões.

Este apanhado de descrições das fazendas, sob o olhar do viajante estrangeiro, foi colocado por ordem cronológica, partindo dos primeiros anos do século XIX, quando, ainda, algumas fazendas eram engenho de cana, como as de pau Grande, Governo e Ubá, que, mais tarde, passaram, também, a produzir café.

O Café, responsável pela riqueza agrícola do nosso país, pelas majestosas fazendas construídas ao longo de todo o vale do Paraíba, com os braços da escravidão que envergonha toda essa história.

Há ainda, nesse trabalho, registros, por meio de pinturas, gravuras, litografias e fotos, também, que nos legaram as impressões, a partir do olhar de artistas.

Deixo, ainda, aqui, registradas, partes selecionadas, por mim, do que cada um desses viajantes relatou, ao percorrer pelas terras da antiga província do Rio de Janeiro.

A primeira fase a considerar, na qual os viajantes registraram suas impressões, entre os anos de 1808 e 1839, além do trajeto por eles usado em suas explorações da nossa flora, costumes etc. E, assim por diante, até o último registro dos eventos ocorridos, durante os momentos, nos quais ocorreram a queda do império e a instalação da república.

Começa, aqui, portanto, uma viagem ao passado, sob os olhares de ingleses, norte americanos, franceses, belgas, alemãs, entre outros.

Os recortes dos textos seguem a ortografia original das publicações.

OS PRIMEIROS OLHARES



John Luccok
(1808-1818)

*Notes on Rio de Janeiro
and the southern parts Brazil*

p. 25

O pavimento inferior é em geral, ocupado pela loja ou armazém; o segundo ou terceiro, quando existe, pelos aposentos da família, para cujo acesso existem corredores estreitos e compridos, tirados do andar térreo e comunicado com a rua. Nos arrabaldes da cidade as ruas são sem colocar, as casas de um só pavimento, baixas pequenas e sujas, com prejuízo dos transeuntes.

p. 32.

Não dá trigo na região do brasil em que se acha situado o Rio, nas províncias distantes, apenas se produz pequena quantidade[...]. Muitos dos nossos vegetais culinários medram no Brasil com grande abundância, tais como couve, cenoura, pastinaca, espinafre, cebola, alface e chicorea [...]. Os vegetais ali chamados de feijão são quase tão abundantes e de uso vulgarizado, quanto entre nós a batata. Como era de esperar o crescimento vegeta; e extremamente rápido [...]. Produziam-se frutas de maneira mui semelhante...

p.38

O corpo foi trazido pela rua numa espécie de liteira aberta, ou antes, taboleiro, coberto de veludo negro, enfeitado de fitas douradas e munido, como os féretros europeus, de oito alças. A maceira ou ataúde tem cerca de dois pés e meio de largo, e seis de comprido [...]. Como nesse clima quente os corpos não se tomam rígidos e como os funerais se realizam poucas horas depois da última cena da vida, enquanto o defunto é levado pela mão ou sobre os ombros, ele executa certos movimentos que muito se parecem com aquilo que se poderia esperar de um sujeito vivo em grau de extrema debilidade.

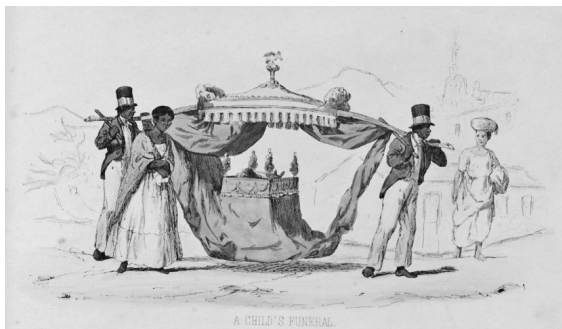


Ilustração 1: Funeral de Criança. Eduard Heldebrandt. 1846. IMS

p.61.

Os espetáculos são dignos do local e do estilo em que são levados a efeito. A orquestra é redu-

zida, inconveniente e mal recrutada. Muitas das peças dramáticas contêm cenas que uma pequeníssima dose de bom-senso e bom-gosto.

p.75-76.

Quando entre amigos íntimos, vêm-se apenas de camisa, cingida à cintura pelos cordões da saia e com as alças frequentes caindo de um dos ombros; não usam meias e raramente põem chinelo ou mesmo os socos de madeira com correias pardas a que chamam de tamancos. Os cabelos são compridos e em geral des-penteados e seguros por uma fita bem rente por detrás da nuca, com ponta voltadas para o alto da cabeça e ali torcidas ao redor de uma espécie de travessa. Por vezes acrescentam flores artificias, engenhosamente feita por elas mesmas, seda, contas, papel de cor, brocatel e asas de alguns dos insetos brilhantes do país, arranjan-do-os e usando-os com muito bom-gôsto.

p.80.

O dono da loja, juntamente com seus auxiliares, come, bebe, e dorme nos cômodos de baixo, medonhamente confinados e úmidos. O chefe por vezes, possui uma cama, enquanto que o balcão e o soalho constituem as de seus caixeiros e escravos. As portas da loja se fecham quase ao meio-dia; estende-se uma toalha sobre o balcão que assim se transforma em mesa de almoço. A refeição, que já vem servida nos pratos é tomada às carreiras, apesar de ser a única que se usa durante o dia.

p.81.

O mobiliário dos aposentos mais elegantes é escasso e pobre. Vêm-se neles em geral, um sofá de madeira, ao mesmo tempo tosco e fantástico no formato, acompanhado de umas poucas ca-deiras de madeira de modelo semelhante... Em salas de pretensões

mais modestas, somente sofá aparece ou então duas a três cadeiras, em lugar desses assentos, as mulheres usam de esteiras, em que em geral se assentam com as pernas cruzadas por baixo do corpo. Por vezes, a isso se acrescenta uma mesinha, com alguns objetos religiosos e instrumentos utilizados em cerimônias. Na alcova há um leito, bem construído, porém de longe moderno, provido de mosquiteiro, um colchão rijo, travesseiros redondos e chumaço, excelentes lençóis e uma colcha.

pág. 274

De retorno à Sepetiba, pela grande estrada que leva de São Paulo ao Rio de Janeiro, nós passamos por S. João Marcos uma vila considerável no centro de um distrito cafeeiro, chegou-se a “Taguahy”.

Georg Wilhelm Freireyss
(1814-1815)
Viagem ao interior do Brazil

CAPÍTULO IV

Descrição dos outros habitantes do Brazil, da Agricultura, etc.

No capítulo precedente procurei dar uma descrição do primitivo indígena, convem agora escrever uma noticia dos outros habitantes do Brazil.

No Brazil encontram-se as raças mais ou menos puras ou misturadas uma com outra. Estes cruzamentos dão ao povo brasileiro uma diversidade extraordinária e é aqui o lugar onde as diferenças de civilização e de côr são postas em contacto e por mais affastadas que as divergencias das raças puras, sejam pode-se, todavia, distinguir tres raças principais que são:

- 1^a - a raça proveniente do cruzamento entre a caucásica e a ethiopica, ou os mulatos;
- 2^a - a proveniente do cruzamento da caucásia com a americana, ou os caboclos, e
- 3^a - o cruzamento dos mulatos com a raça ethiopica, que apesar de se aproximar muito a esta ultima, traz, contudo, o cunho da raça caucásica.